

Superávit não é motivo para otimismo, diz BB

Vice-presidente de operações externas adverte para rebaixamento dos créditos brasileiros

O vice-presidente de operações internacionais do Banco do Brasil, Adroaldo Moura da Silva, prevê, em entrevista ao CORREIO BRAZILIENSE, a ampliação do fosso, com muito mais tensão, entre o País e os credores externos. "Não dá para se antever melhoria, na área externa" — afirma Adroaldo, sem alimentar ilusões com a recuperação da balança comercial nos últimos meses.

Em sua opinião, a sociedade brasileira ainda não tem consciência da gravidade da crise cambial e sob o risco de sofrer, a partir do próximo dia 20, novo ingrediente negativo, com o rebaixamento dos créditos brasileiros da carteira dos bancos norte-americanos. "O clima não está pra peixe. A possibilidade de reclassificação dos créditos não cria clima de festa. Pode ser de enterro. Quando o comitê do governo norte-americano decidir pelo rebaixamento, em outubro, o Brasil já poderá estar com disponibilidades cambiais bem menores" — observa o vice-presidente do Banco do Brasil.

Adroaldo diz que, em todos os sentidos, a situação da economia brasileira é "muito mais confortável" do que há dois meses, porém a questão da dívida externa continua a exigir soluções urgentes para dar condições ao ministro da Fazenda, Luiz Carlos Bresser Pereira, de implementar a sua política econômica, embutida no Plano Macroeconômico. Do contrário, a "pequena importância" dada ao problema do impasse com a comunidade financeira internacional

continuará a exigir do País custos crescentes.

O vice-presidente do Banco do Brasil prefere não entrar no mérito da ida formal do Brasil ao Fundo Monetário Internacional, até porque falta o "mínimo consenso" para que o ministro da Fazenda se sinta autorizado pela classe política ou pela sociedade como um todo para falar em acordo com o FMI. Fora a questão política, resta o consenso entre os credores de que o FMI é o caminho mais curto para a retomada das conversas consequentes sobre o endividamento brasileiro".

FMI à parte, Adroaldo condena qualquer nova experiência "irresponsável", à base de atitudes unilaterais "bravatescas". Lembra que a questão fundamental das operações de crédito é o julgamento que o credor faz do devedor. "Se você toma atitudes agressivas, o seu credor será cada vez mais reticente em fazer novos acordos ou negócios" — comenta o vice-presidente do Banco do Brasil, principal "credor externo" individual do País (com US\$ 8 bilhões, contra US\$ 4,7 bilhões do Citibank) e maior receptor dos créditos de curto prazo dos bancos internacionais.

Adroaldo cita o ônus visível da moratória unilateral de 20 de fevereiro último: o aumento imediato dos custos de renovação dos US\$ 15 bilhões de créditos de curto prazo, ao inverter a tendência trabalhada duramente pelo Banco do Brasil, até então, de redução do spread (taxa de risco) destas linhas.

Mas ressalta que piores são os custos invisíveis e não quantificáveis da moratória. Deste elenco, Adroaldo aponta o enrijecimento do comércio exterior brasileiro, com dificuldades para a obtenção de cartas de crédito dos bancos internacionais, limite para as operações cambiais brasileiras e falta absoluta de financiamentos a importações de máquinas e equipamentos.

"Não existe milagre e o Brasil continua com problemas para fechar as contas externas deste ano e manter as condições de razoável crescimento econômico. As indústrias não têm como importar as máquinas, equipamentos e matérias-primas essenciais, quando as reservas cambiais em caixa estão abaixo de US\$ 4 bilhões. A crise mundial exige um trabalho educativo" — afirma Adroaldo.

Em sua opinião, falta o debate consequente no País para que os brasileiros entendam de vez e tomem consciência de que nada é mais grave do que o estrangulamento cambial. O vice-presidente do Banco do Brasil informa que não existe aberta qualquer linha de crédito oficial e rejeita otimismo quanto a milagrosos ienes japoneses para tirar o País do sufoco. "O passado recomenda a cautela. No caso do Japão, sempre existiu um longo intervalo entre a promessa e o desembolso de recursos" — diz o ex-professor da Faculdade de Economia da Universidade de São Paulo, que chegou a ser incluído no rol dos pais do Cruzado.

ARQUIVO



Segundo Adroaldo Moura, o clima não está para peixe